



ÁREA TEMÁTICA: “Crenças e Religiosidades”

“O Culto das Santas Relíquias de Belver (Concelho de Gavião)”

NUNES, Natália Maria Lopes

Doutoranda na área das Línguas e Literaturas Românicas, especialidade em Literatura Portuguesa Medieval, Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

nlnunes@hotmail.com

Resumo

Sendo a nossa área a Literatura, partimos da “Lenda das Santas Relíquias de Belver” para analisarmos um fenómeno de religiosidade popular que ainda hoje está enraizado na população da vila histórica de Belver, no concelho de Gavião.

A origem da proveniência das relíquias não é muito clara, havendo vários relatos lendários sobre o facto. Um deles refere que as relíquias foram trazidas da Terra Santa por um cavaleiro da Ordem do Hospital, provavelmente, durante a época das Cruzadas; outro relata que as respectivas relíquias foram depositadas na Ermida de S. Brás, no castelo, por parte do Infante D. Luís (filho do rei D. Manuel I), local de onde foram, posteriormente, roubadas.

O interesse da(s) lenda(s) remete para o culto popular das relíquias que viria a desencadear-se até à actualidade, sendo um dos vestígios da cristianização na região.

Palavras-chave: lendas; relíquias; Ordem do Hospital; religiosidade popular; culto





Belver é uma vila histórica situada na margem norte do rio Tejo e é uma das freguesias do concelho de Gavião, no distrito de Portalegre. A região tem vestígios que remontam à época romana e, na Idade Média, segundo a doação de D. Sancho I, toda aquela vasta zona era conhecida por terras de Guidintesta, doada pelo rei à Ordem de S. João do Hospital ou Ordem do Hospital. Em 1194, D. Sancho I doou as terras de Guidintesta a D. Afonso Pais, Prior da Ordem do Hospital para aí construir um castelo, de forma a povoar aquele território e a defendê-lo das invasões muçulmanas. Com esta doação, a sede dos Hospitalários em Leça do Balio passa para Belver e, posteriormente, para Flor da Rosa, no concelho do Crato.

Dentro das muralhas do castelo, a capela ou ermida de S. Brás, datada do século XVI, contém um retábulo de madeira oferecido pelo infante D. Luís, filho de D. Manuel I, Grão Prior da Ordem do Hospital. O Padre João Baptista de Castro, no *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, capítulo III, faz referência a esse retábulo onde estavam guardadas diversas relíquias que, mais tarde, foram levadas para a igreja matriz, acontecimento que já revela o carácter milagreiro das relíquias:

Por causa prodigiosa se reputa a conservação das sagradas relíquias, que na ermida de S. Braz dentro do castello desta villa depositou o devoto infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, os quais dentro em um cofre vieram pelo Tejo abaixo; e sendo em diferentes tempos levadas para a igreja matriz da dita villa, tornaram milagrosamente para o mesmo sítio, onde são veneradas pelos fiéis, que ali concorrem quatro vezes no anno [...]. As preciosas relíquias são estas: parte do santo presépio, em que Cristo Senhor nosso nasceu; parte da mesa, em que instituiu o Santíssimo Sacramento; um pedaço do Santo Lenho, e do Santo Sudário, e porção de terra do Monte Calvário; um vaso de marfim do feitio de uma caixa grande de hóstias, em que a Santa Magdalena levou o odorifero balsamo, com que ungiu os Sacrosantos pés do Redemptor do mundo; gotas do virginal leite de Maria Santíssima; um dos seus preciosos cabelos; bocadinhos daquela pedra, em que descansou no caminho do Egipto, e terra do seu glorioso sepulcro: relíquias de S. Joseph, de S. João Baptista, e dos Santos Inocentes: da sepultura de Lázaro: cabelos de Santa Magdalena: da anfora de S. Paulo Apóstolo: do cilício de S. Thomé: da pele de S. Bartholomeu, ossos de Santo Estevão, de S. Sebastião, de S. Arcádio, e de S. Cyriaco: o dedo index da mão direita de S. Braz, carne de S. Antão e de S. Arsénio: da cabeça de Santo Albino: relíquias de Santa Margarida, de S. Salvador monge, da capa de S. Domingos, e outras de vários Santos (Castro, 1870: parte III, capítulo VI).

Curiosamente, este acontecimento desencadeia uma lenda associada às Santas Relíquias. No *Agiologio Ivsitano dos Sanctos e varoens illvstres em virtvde do reino de Portugal e svas conqvistas*, de Jorge Cardoso, é referida a dita lenda que apresenta diversas origens sobre a proveniência das relíquias. Segundo algumas versões, elas teriam vindo da Terra Santa aquando da permanência dos cavaleiros e freires da Ordem do Hospital no local e teriam sido trazidas por um deles. Durante vários anos foram guardadas no retábulo da Ermida de S. Brás, «nos alvéolos feitos no peito das imagens santas (Ferreira, 1999: 149). No entanto, se para alguns a proveniência das relíquias está relacionada com um cavaleiro anónimo da Ordem do Hospital, para outros, elas estão associadas a D. Luís, filho de D. Manuel I que fora Prior da Ordem do Hospital. Além disso, o poder das relíquias desencadeou outra lenda que deu início ao seu culto em Belver. Como relata J.C. Lobato Ferreira:

Diz-se que esse personagem de identidade não confirmada, teria mandado retirar as relíquias do retábulo da Ermida e levá-las para Lisboa, a fim de ornamentarem um qualquer templo da capital.

Tendo essa transferência sido efectuada e as relíquias chegaram ao seu destino, desapareceram pouco depois como que milagrosamente, vindo-se mais tarde a saber que haviam subido o Tejo dentro de um barco iluminado, ao som de uma música celestial. Estavam guardadas a bordo dentro de um cofre de madeira, forrado a seda vermelha e decorado a prata.

O barco que as levava foi vogando até Belver, quedando-se então no rio, na direcção do castelo.



Feitas várias tentativas inúteis para puxar o barco até à margem, foi alguém à vila dizer o que se passava, e de lá veio encosta abaixo o pároco à frente do povo em procissão. Tendo parado à borda d'água, a gente de Belver viu então com grande espanto, o barco aproximar-se sozinho da margem e o pároco tomar o cofre em suas mãos (Ferreira, 1999: 149).

Este acontecimento de cariz lendário desencadeou o culto popular das Santas Relíquias de Belver que ainda hoje é celebrado no mês de Agosto. As imagens religiosas da igreja matriz e a arca com as relíquias são transportadas em procissão pelas ruas da vila, associando o culto cristão ao carácter profano dos festejos com bailes, e a parte gastronómica, imortalizando até à actualidade um culto antigo e revelando um dos marcos importantes da cristianização daquela região.

No que diz respeito a Portugal, segundo alguns testemunhos, a evangelização da Península Ibérica teria ocorrido ainda nos tempos apostólicos. Porém, esta provocou também uma série de perseguições sobretudo durante a época do imperador Diocleciano e Maximiano, ao confiarem o governo da península a Daciano. Na difusão e na evangelização desencadeadas pelo Cristianismo surge o culto das relíquias. O vocábulo relíquia deriva da palavra latina *reliquae* que significa “os restos”. O culto das relíquias não se restringe apenas ao Cristianismo e poderíamos enunciar alguns exemplos: os povos primitivos efectuaram rituais e usavam determinados objectos (amuletos feitos com os ossos dos antepassados); no Egipto, são também conhecidas as práticas de mumificação do corpo; a veneração dos locais de sepultamento, como no caso das peregrinações onde estaria o corpo de Maomé; na sociedade greco-latina, também existiram práticas que remetiam para esse tipo de culto, nomeadamente no que diz respeito aos ossos.

As relíquias, sendo consideradas objectos sagrados, podiam apresentar-se sob diversas formas: corpo de um santo, herói ou mártir, ou parte desse corpo – cabeça, ossos, dedos, mãos, ...; objecto ou algo que tivesse estado em contacto com o santo – peças de vestuário, objectos diversos do seu quotidiano, ...; objectos colocados nos túmulos – velas, terra do túmulo, óleos, ... De uma forma ou de outra, as relíquias exerciam sobre as pessoas uma força mística através dos milagres. Estes operavam-se pelo contacto com a relíquia, ou pelo seu visionamento e culto. Os milagres poderiam ser, por exemplo, de cura e atmosféricos. As relíquias tinham, deste modo, raízes primitivas que remontam a superstições e a cultos de magia.

Contudo, no Cristianismo, a veneração de relíquias advinha essencialmente do culto prestado aos mártires. O mártir era aquele que, perseguido pelas convicções religiosas, acabava por ser morto de forma atroz por não renunciar aos seus ideais e cujo expoente máximo fora o próprio Jesus Cristo. Este tipo de culto desenvolveu-se sobretudo a partir do século IV e todas as igrejas e mosteiros desejavam possuir relíquias. A sua posse concedia maior valorização e prestígio, aspecto que levou a disputas, contestações, comércio, roubos e falsificações. Por outro lado, no Oriente, entre os séculos VIII e IX, a luta dos iconoclastas não recaiu apenas sobre as imagens; o culto das relíquias foi também severamente criticado e condenado. Porém, após anos de disputa, a imperatriz Teodora restabelece o culto e o comércio das relíquias intensifica-se principalmente com as invasões normandas no século IX.

No século XIII, durante a quarta cruzada, dá-se o saque de Constantinopla, local de maior prestígio a nível das relíquias. A pilhagem levou à destruição e ao desaparecimento de muitas delas e, posteriormente, foram encontradas no Ocidente. Estes acontecimentos desencadearam ainda o reconhecimento da autenticidade das relíquias e, nesse sentido, o IV Concílio de Latrão (1215) tentou restringir a ostentação de relíquias consideradas falsas. Todavia, essas medidas não foram seguidas visto desprestigiarem os interesses das igrejas e mosteiros que possuíam tais preciosidades. Possui-las, era ter uma segura fonte de rendimento que provinha da fé dos fiéis – as ofertas como recompensa dos milagres ocorridos, ofereciam grandes vantagens aos mosteiros e igrejas.

O Concílio de Trento (1545-1563) apelou à vigilância e, qualquer nova relíquia que aparecesse, seria objecto de vários exames e investigações para poder ser aprovada pelo bispo. Porém, muitas das fraudes apenas foram descobertas no século XVII. Chegou-se ainda à conclusão de que muitos dos mártires referenciados nunca existiram, eles apenas fizeram parte da lenda e, muitos deles, foram adaptações de



antigas divindades pagãs. Curiosamente, muitas das vezes, o aparecimento desses objectos sagrados não exigia qualquer análise antecipada, a sua autenticidade era explicada por um acontecimento sobrenatural, o chamado “milagre”. Outro aspecto marcante foi a multiplicação de uma mesma relíquia em diversos locais diferentes – a cabeça de S. João Baptista e a Verdadeira Cruz são exemplos desta situação e, por vezes, a explicação para essa multiplicação era dada através dos roubos. Mais tarde, durante a Reforma, Calvino, lutando contra o culto das imagens, menciona essa polémica da multiplicação. Segundo o seu ponto de vista, a junção de todos os pedaços da Verdadeira Cruz seria carga para um grande barco.

A morte de Cristo desencadeou o culto dos mártires. Os túmulos tornam-se locais sagrados e de peregrinação e a devoção das relíquias motivou a “caça” aos restos mortais, vestuário e outros objectos pertencentes ao denominado santo. Apesar dos esforços de alguns imperadores, o culto das relíquias continuou e os próprios objectos do martírio tornaram-se relíquias: a cruz da crucifixão, os pregos, a coroa de espinhos, a grelha onde S. Lourenço fora “grelhado”, etc. A partir de 846, torna-se também frequentes as transladações dos corpos dos santos de um lado para o outro. As invasões normandas intensificaram essas deslocações, aspectos que levaram igualmente à fragmentação dos corpos e ao desejo incansável das igrejas e dos mosteiros possuírem tais relíquias.

Além disso, era necessário a criação de novos locais de culto que apagassem os antigos cultos do paganismo. O Cristianismo aproveitou então a crença no poder das relíquias e, através delas, desenvolveu várias manifestações litúrgicas. Na Idade Média, nos meios rurais, foram construídas igrejas, basílicas, oratórios e mosteiros onde existia uma ou várias relíquias. Para intensificar o culto dos santos foram criados calendários que referenciavam as datas de veneração em cada mês. Posteriormente, após a queda do império visigótico, e perante a ocupação muçulmana, algumas paróquias rurais foram destruídas ou votadas ao abandono e é apenas com o repovoamento que muitas delas voltam a instituir cultos e tradições através da reabilitação de algumas ruínas ou da construção de novas igrejas.

A fundação de mosteiros também teve o seu papel na difusão da evangelização. Foram fundados mosteiros e santuários onde os fiéis pudessem cultuar os seus santos (muitos deles antigos padroeiros) e as relíquias. Estas exerceram um papel fundamental nesses locais sagrados, prestigiando-os, sendo a Cruz o objecto mais importante do Cristianismo.

A difusão das relíquias desenvolveu-se sobretudo durante a época das cruzadas. O seu objectivo principal era libertar os locais sagrados dos chamados “inimigos da fé”. Para a Igreja, as Cruzadas teriam um papel fundamental na expansão do Cristianismo. Através da conquista dos locais sagrados, o Papado estabelecia também a sua supremacia sobre o Império. A quarta cruzada teve como impulsionador o papa Inocêncio III que tentou alargar a cristandade, de forma a acabar com o paganismo e, nesse sentido, fez vários apelos para que se fizesse a “guerra santa”. Esta cruzada terminou de forma drástica com o saque de Bizâncio. Este teve graves consequências, mortes, violações, roubos, profanações, etc. Constantinopla era rica em relíquias e este aspecto contribuiu para o espírito comercial desencadeado nos cruzados. As relíquias mais procuradas foram as da infância e da paixão de Cristo, as da Virgem, dos apóstolos, etc. De entre elas, salientam-se sobretudo os fragmentos da Verdadeira Cruz.

É neste contexto de cruzada e de reconquista que surgem as ordens militares que nasceram sob a influência das ordens monásticas. A Ordem do Hospital e a do Templo foram fundadas no seguimento da primeira cruzada e da conquista de Jerusalém pelos muçulmanos em 1099. A primeira ordem militar a ser fundada por Raymond de Puy foi a de S. João de Jerusalém (1050), também conhecida por Ordem do Hospital. Inicialmente, tinha por função criar albergues e hospitais que dessem assistência aos peregrinos que se deslocassem à Terra Santa. Posteriormente, passaram a ter também um carácter militar. Os cavaleiros de S. João de Jerusalém tiveram de assegurar a protecção dos locais sagrados, principalmente o Santo Sepulcro.

No século XII (1118) Hugues de Payns funda na Palestina uma nova ordem – a Ordem do Templo de Salomão, cujos membros eram conhecidos por Templários. Os seus objectivos eram semelhantes aos da



Ordem do Hospital: proteger os locais sagrados e dar apoio aos peregrinos. Por outro lado, os Hospitalários e os Templários tiveram um papel importante na defesa, na deslocação e no comércio das relíquias de Cristo, da Virgem e dos Santos. Em Portugal, muitas das relíquias existentes foram provenientes das suas viagens e, graças a elas, muitas igrejas, conventos e mosteiros adquiriram um estatuto relevante que os tornou pólos de atracção de peregrinos durante séculos (até à actualidade). Foi também neste contexto que se difundiram as lendas e o culto das Santas Relíquias de Belver, cujo objectivo principal foi, certamente, a cristianização e a evangelização das populações daquela região.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Jorge (1652-1744), *Agiologio Ivsitano dos Sanctos e varoens illvstres em virtvde do reino de Portugal e svas conqvistas*, Lisboa, Officina Craesbeeckiana.

CASTRO, João Baptista (1870), *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, 2^a ed. revista e aumentada, Lisboa, Officina Patriarcal Luíz Ameno.

FERREIRA, J. C. Lobato (1999), *Monografia da Antiga Vila de Belver (da Ordem de S. João do Hospital)*, Gavião, Câmara Municipal de Gavião, Imprimeiro – Artes Gráficas Lda Gavião.